

Uma conversa sobre cartas pedagógicas: a escuta como travessia para uma educação na diferença

A conversation about pedagogical letters:
listening as a pathway to education in difference

Simone de Paula ROCHA¹

Bárbara Cristina Moreira Sicardi NAKAYAMA²

Resumo

Este artigo versa sobre a pesquisa realizada no processo de doutoramento trazendo a lume a formação de professores da Educação Especial na perspectiva inclusiva. Ao biografar as experiências de professores atuantes no Atendimento Educacional Especializado - AEE, atendendo crianças com TEA, escolho como dispositivo metodológico a narrativa com Cartas Pedagógicas, objetivando compreender, a partir delas, de que forma os saberes docentes das professoras do AEE são (re)conhecidos, ressignificados e constituídos no atendimento dos alunos TEA, na rede estadual de Rondonópolis, Mato Grosso. Ao biografar essas vozes pretendo revelar como vemos, sentimos, e pensamos a diferença, num movimento horizontal de conversa, escuta e escrita.

Palavras-chave: escuta; conversa; Cartas Pedagógicas; Atendimento Educacional Especializado.

Abstract

This article is about the research carried out in the doctoral process, bringing to light the training of Special Education teachers from an inclusive perspective. In writing biographies of the experiences of teachers who work in the Specialized Educational Assistance - SEA, serving children with ASD, I chose the narrative with Pedagogical Letters as a methodological device, aiming to understand, based on the narratives, how the teaching knowledge of the SEA teachers is (re)cognized, re-signified and constituted in the care of ASD students, in the state school system of Rondonópolis, Mato Grosso. Writing biographies of these voices aims to reveal how we see, feel and think about difference, in a horizontal movement of conversation, listening and writing.

Keywords: listening; conversation; Pedagogical Letters; Specialized Educational Service.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd-So) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba (UFSCar). Professora da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0996833794539627>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4765-7646>. E-mail: mone_rocha7@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd-So) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba (UFSCar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9746628149674449>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5097-459X>. E-mail: barbara.sicardi@gmail.com

Introdução

Conversar é escutar e tomar a palavra, se é que há algo que possa ser dito. Não se trata de desavença entre acordo e desacordo. É muito mais que isso: a forma humana de incorporarmo-nos uns aos outros, de encarnar-nos uns aos outros, de sentir como se torna potência ou impotência o que vivemos.

(Skliar, 2018)

Este artigo versa sobre a pesquisa realizada no processo de doutoramento e traz a lume as experiências do Curso de Extensão ofertado no movimento de pesquisa de campo em uma parceria entre a Universidade Federal de São Carlos -UFSCar, Campus Sorocaba e a Diretoria Regional de Educação do Polo de Rondonópolis. Uma pesquisa que prospecta cores outras, com os tons da *escuta* e da *conversa*, uma escolha firmada a partir da compreensão que constituiu está pesquisadora narrativa e propõem uma ação formativa com as cores da vida, pinceladas na perspectiva da pesquisa-VIDA-formação³. Cores que multiplicam a vida, que nos permitem sentir a potência que nos tornamos na relação com o outro, de “encarnar-nos uns aos outros”, de diferentes modos, como lembra Carlos Skliar na epígrafe deste artigo.

Compreendi, nessas andarilhagens como pesquisadora, que os tons ficariam mais vibrantes com as cores da escuta e da conversa, por entender que a vida não pode ser descrita. Desse modo, estabeleci como objetivo compreender, a partir da formação contínua, de que forma os saberes docentes das professoras do AEE são (re)conhecidos, ressignificados e constituídos no atendimento dos alunos TEA, na rede

³ Essa é a concepção que, os pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente -NEPEN, assumem uma perspectiva epistemopolítica de pesquisa-VIDA-formação, “integrando, a partir do hífen, três ações que, no espaço/tempo do NEPEN, são vibrantes, pulsantes, singulares e plurais ao mesmo tempo. Não se pesquisa só: não se vive só, não se forma só. O hífen representa o convite à conectividade do fazer pesquisa com e junto, do viver com e junto e do formar-se, também com e junto. São ações que dão no (com) junto enquanto integram o singular dos sujeitos no plural do grupo, no plural dos sujeitos. Nesse sentido não se anula ou se deixa de viver para a pesquisa, o pesquisar compõem e integra o viver e, no viver, está o formar-se” (Brito e Nakayama, 2023, p. 22-23). Escolhemos grafar a VIDA em maiúsculo por compreender que a vida: move encontros, autoriza a autoria, inspira a realizações e, nos constituímos no plural a partir desse enredamento e das escolhas que pautam esse coletivo.

estadual de Rondonópolis, Mato Grosso.

Por compreender que o humano é pulsante e projeta esse movimento circular impossível de encaixar numa descrição, provoca, antes, a uma dinâmica de investigação dessa realidade, que possibilite o seu desvelar, com o desejo de compreendê-la, nos colocando frente ao diálogo fecundo sobre as diferentes maneiras de compreender os fenômenos humanos (Nakayama, 2015).

Cores da vida que nos ajudam a lembrar que somos humanos, de modo que “o humano não se negue ao humano” (Skliar, 2014, p. 72) e sim, nos faça compreender que a vida pulsa em cada gesto, nos tons diferentes de vozes, nos aromas que evocam memórias, na visão que capta as imagens que deixam saudades e revelam as mudanças sofridas pelo e com o tempo, as muitas nuances (re)significando a VIDA.

Ouso dizer que todos os nossos *saberessfazeres*⁴ decorrem de uma aprendizagem múltipla e enredada (Campos, 2022), compreendo, assim, que nossas ações, bem como as formulações intelectuais realizadas por nós, são sempre provisórias, implicadas pelas redes que nos constituem e “não podem ser explicadas por relações lineares de causalidade” (Campos, 2022, p. 202). Os matizes mudam com o tempo, com as experiências que nos sucedem e, nesse sentido, entendo que a vida se constitui *na* e *pela* narrativa, demarcando assim as escolhas desta pesquisa.

Neste processo de narrar a vida, trago para a pesquisa a metáfora das cores da fita que simboliza o autismo, numa perspectiva outra de dialogar com a temática, uma vez que, a composição dessa palheta se faz a partir da minha história de vida como mãe de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA e professora do Atendimento Educacional Especializado – AEE. É desses guardados existenciais (Mills, 1972) que nasce o desejo para uma Convoc(ação), junto às professoras do AEE, no atendimento aos alunos com TEA.

Acolher e validar todos os saberessfazeres, segundo Reis e Oliveira (2018, p. 77), permite instaurar um “processo coletivo e solidário importante para a tessitura de uma sociedade mais justa e democrática”. Ao escolher os matizes que se achegam para assumir uma pesquisa outra, com justiça e

⁴ Escolho assumir essa estética de escrita, que Nilda Alves propõe como uma transgressão possível às dicotomias herdadas na perspectiva do discurso hegemônico do paradigma moderno, uma aposta em fazer pesquisas de um modo outro (Ferraço; Alves, 2018).

democracia, me é possível sustentar que a conversa abre permissões outras, visto que “conhecer, ensinar, pesquisar para a diferença, desmonta a falácia da harmonia, do consenso, da categoria que produz a organização” (Sussekind; Pellegrini, 2018, p. 146). É sim um enredamento, um compromisso ético-político com as diferentes existências, com as presenças, com as vozes inaudíveis! A conversa pode ser, como Sussekind e Pellegrini (2018) dizem, o acontecimento, as linhas de fuga da narrativa.

Outras pineladas são necessárias para narrar o movimento de pesquisa, e conto com as cores das experiências vividas desde o *espaçotempo* em que atuei como professora formadora do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação de Mato Grosso - Cefapro, no campo da formação das professoras do AEE, até a constituição das escolhas teórico-metodológicas da pesquisa, em que opto pelas Cartas Pedagógicas como dispositivo, na perspectiva narrativa, e assumo, assim, a escuta como princípio epistemopolítico e a conversa como travessia desse movimento. Penso a conversa como redes, interações dialógicas que fomentam possíveis negociações de sentidos. É com as palavras de Larrosa (2003) faço essa escolha, por acreditar que

[...] o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças...mantendo-as e não as dissolvendo...e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações...e isso é o que a faz interessante [...] (Larrosa, 2003, p. 212).

Sendo a conversa uma travessia possível para a pesquisa-VIDA-formação, ela é considerada aqui como uma arte: a arte da conversa, das palavras furtadas que desnudam e escancaram as diferenças, sustentam a tensão criativa e inquietante. São esses encontros que sobrevivem para narrar as experiências vividas. Parece-me um percurso rizomático, capaz de ampliar a possibilidade de escuta das professoras do AEE, em diálogo com os saberes produzidos nos cotidianos escolares, uma pronúncia das vozes que ecoam no contexto da diferença.

A pesquisa ganhou os primeiros delineados a partir das experiências desse movimento formativo inicial, achados importantes inerentes a formação das professoras deste espaço de atuação, que me levaram à

abordagem auto(biográfica). E para pensar na força e potência do campo narrativo, alguns enredamentos foram se fazendo no caminho, encontros que me fizeram perceber perspectivas outras de fazer pesquisa, um movimento capaz de permitir ajustar as lentes, numa travessia da lógica da explicação para compor com pesquisas outras a partir da lógica da conversação (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018).

Assim, por acreditar que as conversas promovem modos outros de fazer pesquisa, na perspectiva dos estudos dos cotidianos como expressão das práticas curriculares rotineiras, a partir de elementos constituintes das experiências vividas, podem ser, igualmente, consideradas como fontes da pesquisa e da formação continuada de professores (Gonçalves; Rodrigues; Garcia, 2018). Colorindo a tese com esses tons, encontrei na *escuta* a travessia possível para compor com as professoras do AEE uma *conversa* com Cartas Pedagógicas, a escolha deste dispositivo metodológico trouxe a possibilidade de escutar as muitas vozes que ecoam dos cotidianos escolares, vozes da (re)existência!

Na artesania de matizes, fui delineando princípios que fortalecem a pesquisa, e encontro, em Skliar (2014, p. 26), artefatos que aguçam os sentidos do educativo e me ajudam na travessia me levando a compreender que ela é, a “diferença entre o tempo que passa e o que passa no tempo. Ou o que há no interior do tempo que passa: diferença enquanto intensidade, tempo enquanto profundidade”. É nesse interior do tempo que passa que os encontros se fazem e a traz os adensamentos necessários a pesquisa.

As Cartas Pedagógicas como dispositivo para a escuta

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.

(Larrosa, 2002)

O sentido que damos ao que nos acontece é que nos autoriza ao saber da experiência, o modo como elaboramos o sentido ou a falta dele é

que revela as facetas do humano em nós; a forma como existimos no mundo, como nos apropriamos do que nos acontece de modo individual ou coletivo (des)vela nossa existência. É a partir dessas reflexões, provocadas por Larrosa, que trago o percurso do encontro com as Cartas Pedagógicas e de como foram constituindo aproximações, tal como fazemos quando chegamos para uma roda de conversa, no começo, mais timidamente, e, no decorrer da pesquisa, os tons da conversa ganharam uma intimidade que convida à liberdade numa expressão genuína sobre os acontecimentos vividos no cotidiano.

As primeiras Cartas trocadas com minha pesquisadora/correspondente tinham uma escrita mais ponderada, cautelosa, mas a medida em que os encontros promovidos pela potência das Cartas aconteciam, fomos nos permitindo experenciar e, como lembram (Sampaio, Ribeiro e Souza, 2018, p. 30), degustar cada palavra lida, sentir o aroma e o gosto da escrita que chega, despertar o desejo da continuidade da conversa enquanto pesquisávamos, “estranhar e interrogar o já conhecido, o dado por óbvio”, uma reinvenção de si, do cotidiano, num permanente movimento de *criar a vida*.

É com Skliar (2014), que traço um paralelo a este processo vivido – que se faz pela leitura e com a escrita. Para ele, a leitura imagina tudo, já a escrita, por sua vez, perfura tudo. Essa paradoxal comparação trouxe experiências semelhantes ao movimento de partilha com as Cartas Pedagógicas,

Um convite encharcado de amorosidade que este modo *outro* de fazer pesquisa nos mobiliza, e trago aqui uma pergunta que você deixou na sua carta sobre esse modo outro de fazer pesquisa: que pesquisa? Que pesquisa é essa que se faz com o outro, na relação com outro? É com as palavras de Skliar a ressoar e convocar que te convido: vamos juntas nesta travessia do improvável, da escuta, do olhar, escrevendo pesquisas outras, e narrando o que nos acontece, o que fazemos, o que nos constitui e o que nos compõe no “ato de educar” (Excerto da Carta/Resposta que escrevi para minha correspondente/pesquisadora).

No fazer (com)junto com os pesquisadores narrativos da América Latina, nessa tessitura em Rede entre *cartasconversas*, no qual as vozes

ouvidas não estavam carregadas de explicações, seja por exigência ou pelo sentimento de obrigatoriedade para atender um parâmetro. De modo algum, vivenciamos momentos de partilha, narrativas embriagadas de significados, que espreitavam uma interação genuína, de entrega, para juntos (re)significar os contextos escolares.

Se pensarmos como a vida se configura atualmente, em meio a tantas urgências, resolvidas, em sua maioria, com a rapidez dos e-mails ou mensagens via celular, talvez nos causasse certa estranheza o convite para trocarmos cartas. No entanto, não eram quaisquer cartas, eram Cartas Pedagógicas, carregadas de experiências das pesquisas realizadas pelos pesquisadores da América Latina. O movimento trazia essa proposta, e um encontro presencial no Ateneu *Travesías Del Sur*, na cidade de Buenos Aires, Argentina, no ano de 2022, revelou-se potente, com o fortalecimento da criação coletiva e individual. Descobrimos, nas narrativas, uma compreensão ampliada das muitas realidades, e refletir sobre isso possibilitou pensar sobre as formas lineares ainda vividas nos cotidianos escolares. E assim partimos para essa aventura narrativa que chegou com um convite ao Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente - NEPEN, vinculado à Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, do qual faço parte.

Essa experiência, que ao mesmo tempo é singular e plural, trouxe lentes outras para compor a pesquisa. Minha experiência leitora com as Cartas advindas de outras realidades revelou o que Skliar (2018) apresenta: é um reconhecimento de sabores, algo que chega devagarzinho, cheirando à vida. E a escrita, o que dizer dela? Ah, essa parece um vendaval, suscita um borbulhar de pensamentos, leva a conversações inspiradas nos sentidos, nos processos vividos. Escrever para uma pesquisadora/ correspondente no campo da Educação, moveu o desejo de desenvolver uma pesquisa outra.

Reverdece, assim, um olhar plural das múltiplas realidades, minhas lentes se ampliam, e comprehendo que é nesse movimento singular-plural que nos constituímos enquanto sujeitos. Entendo que as experiências vividas podem ser refletidas e (re)significadas a partir do modo como escolho escutar e narrar com o outro. É com as lentes da abordagem auto(biográfica) que as matizes da pesquisa ganham tons mais intensos. Vibra a pesquisa-VIDA-formação, que pulsa insistentemente!

É no pulsar da vida que que nos damos conta, aguçamos a escuta,

ajustamos as lentes e percebemos o movimento do fazer junto, fazer com o outro, valorizar o cotidiano e todas as relações que ali se estabelecem, compreendendo a potência da narrativa e das rodas de conversa, num movimento de autoria em que a aprendizagem coletiva se estabelece e traz como princípio a solidariedade entre as pessoas que compõem esse coletivo e se fortalecem na produção e partilha de conhecimentos e práticas (Reis; Oliveira, 2018). Escutar esse Outro de *tempo espacos* diferentes nos ensina que a convers(ação) não termina e nem começa nos primeiros encontros, mas seguirá ressoando em movimentos de permanentes (re)configurações:

[...] como que podía entender y ser entendida en mis interacciones, fue denso ese encuentro con una propuesta diría liberadora, salir de esos esquemas ritualizados del acto de investigar, esa búsqueda del objeto externo, en este caso el objeto estaba en nosotros mismos, como fantasmas a ser develados (Excerto da Carta/Resposta que recebi de minha correspondente/pesquisadora).

Os vínculos de amizade acadêmica foram se fortalecendo a cada carta trocada, e buscar sentido nas pesquisas que estamos desenvolvendo trouxe uma nova perspectiva para o modo como eu pretendia desenvolver a pesquisa. E é desse e nesse lugar outro de fazer pesquisa, de publicizar o que temos feito enquanto pesquisadores narrativos, que os versos do poeta Manoel de Barros chegaram, um encontro que aconteceu em um tempo outro e que agora trazia uma potência capaz de emudecer-me frente à robustez das palavras ditas: como aceitar as palavras sempre ditas do mesmo modo, como me aceitar fazendo as mesmas coisas! (Barros, 2010).

Era como se o poeta me dissesse: autorize-se, faça de um modo outro! A potência desses versos revelou um universo de possibilidades, eu estava com uma pesquisa no campo do biográfico que intencionava biografar as experiências que compõem o fazer docente dos professores que atuam no AEE, na proposta de atendimento às crianças com TEA, escolhendo como dispositivo metodológico, as Cartas Pedagógicas. Sim, essas convers(ações) levaram-me longe, implicaram assumir um lugar de autoria, de fazer escolhas, de pautar caminhos.

Assim, os matizes da pesquisa se configuraram a partir da proposta de um curso de extensão para as professoras que atuam no AEE, perpassando pelas concepções que sustentam esta tese, com base no

princípio epistemológico da *escuta*. A pesquisa está vinculada à Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba, e conta com o apoio da Diretoria Regional de Educação - DRE do Polo de Rondonópolis-MT, polo este que atende 14 municípios que fizeram parte desta pesquisa.

Dos contornos do caminho percorrido, interrogo-me para expressar e ressoar as escolhas feitas: Mas afinal, que pesquisa de doutoramento é esta? Sim, esta é uma pesquisa-VIDA-formação, e com Manoel de Barros ouso e me inspiro, as palavras do poeta ainda pulsam em mim, não quero ser apenas uma pessoa que abre portas, que realiza as mesmas coisas (Barros, 2010), eu quero ser mais. Quero compor com as professoras do AEE um movimento de escuta, e, nessa ótica, indago: Qual seria a condição para biografar as vozes que vêm ecoando nos espaços escolares e que têm muito a dizer sobre como *vemos*, *sentimos* e *pensamos* a diferença (Skliar, 2019)? Uma convers(ação) que favorece a investigação narrativa com Cartas Pedagógicas e promove um movimento de compreensão dos contextos educacionais e das realidades singulares que integram os saberes docentes no processo de ensino dos alunos com TEA. Rememoro a Carta/Resposta que enviei a minha pesquisadora/ correspondente, que traz a conversa que tivemos sobre questões que fomentam a pesquisa:

E nesse movimento dialógico de escuta do outro, em que Skliar nos anuncia a distância do outro diferente, me pego a pensar sobre as indagações que você fez logo no início da sua carta: é preciso falar em e sobre diferenças, não somos nós todos diferentes? O movimento de retomar os destaque como ponto inicial de nossa conversa é justamente com a intenção de dialogarmos sobre esse lugar, o lugar das diferenças que ainda é invisibilizado nos espaços sociais e requer de nós a ousadia de trazer para nossas pesquisas discussões no campo da educação especial. Sua carta Esperanza, provou movimentos intensos, pois dialoga com questões importantes que movem a pesquisa que intento realizar (Exceto da segunda Carta/Resposta que escrevi para minha correspondente/pesquisadora).

Este dispositivo teórico-metodológico das Cartas Pedagógicas matiza potentes interlocuções e multiplica os acontecimentos, porque

envolve nossas histórias de vida, nossas memórias docentes, os conhecimentos que congregam o vivido. Abrir para a conversa é “lutar contra a humilhação do lugar-comum e contra essa forma de inexistência que é o acatamento complacente do que se diz e do que se pensa” (Larrosa, 2003, p. 214). Deste modo, a pesquisa pretende favorecer experiências formadoras na e pela pesquisa-VIDA-formação, que suscitem reflexões dos saberes experienciais habitados na centralidade das construções pedagógicas, refletidos e (re)significados num movimento horizontal de convers(ação), escuta e escrita, construído a partir do dispositivo das Cartas Pedagógicas com as professoras do AEE.

Convers(ações) uma travessia do improvável: olhar, escutar, narrar

Olhar com prudência...
Olhar com brandura...
Olhar com simplicidade...
Olhar para afirmar o presente...
O olhar como uma forma de escutar.
(Skliar,2014)

Trazer os tons de uma conversa que não se encerra aqui, mas convida para uma pausa, e quiçá evoque, (com)voque outros coletivos a se achegar e compor esta roda de conversa para pensar uma escola com dimensões para além do conteúdo, a (re)significar os espaços escolares no que tange às dimensões humanas, e, assim, reduzir a distância entre a integração e a inclusão nesses espaços, demanda ainda frágil, que talvez demore tempos para se consolidar, mas que traz à tona a urgência em diminuir os espaços limitantes e expandir o diálogo. Pensar modos outros de trazer a conversa e a escuta para os cotidianos escolares.

São as escolhas deste percurso que pautam e validam um lugar outro, um encontro com autores que adensam a conversa no campo teórico-metodológico, trazendo conceitos que harmonizam e abarcam a palheta de cores desta pesquisa. Em Joso (2004, 2007), busquei o tom das histórias de vida. Já com Passeggi e Souza (2017), encontrei as nuances que sustentam a pesquisa na abordagem (auto)biográfica. Dos escritos de Freire (2000, 2020) despontam os entretons da dialogicidade. Freitas (2020) traz novas nuances à palheta, com o dispositivo das Cartas Pedagógicas. Skliar

(2003, 2014, 2018, 2019) pincela os matizes epistemopolíticas da escuta, da conversa e sobre a diferença.

Torna-se imprescindível, então, indignarmo-nos, e, simultaneamente, nos comprometermos a alargar e diversificar as noções de disponibilidade e responsabilidade, de modo claro e ético (Skliar, 2019). Estar disponível para ver, sentir e pensar *na e com* a diferença. Nesse sentido, é com o desejo de escutar outras vozes, experienciar outras palavras, afetando-me para o mundo e as vidas, que vou compondo outras histórias para que, num futuro não tão longínquo, essa conversa sobre as relações entre o mundo e as gentes seja contada de um modo outro, a partir da palavra ALTERIDADE.

São os modos que escolhemos para narrar, um modo outro de comunicar ao mundo o *modo de (re)existir* frente aos espaços que segregam e excluem. Lembro de Delory-Momberger (2014), quando, ao escrever sobre biografia e educação afirma que “o ser humano se apropria de sua vida e de si por meio de histórias” (2014, p.33), afirmação esta que fortalece a conversa que desejamos ter como o Outro. Esse destaque que faço coaduna com as experiências vividas com os pesquisadores da Rede *Travesías Del Sur*, e se reflete nos rumos que a pesquisa tomou a partir delas.

Uma pesquisadora/correspondente, em uma de suas cartas enviadas a mim, ressalta a perspectiva narrativa e o quanto as pesquisas nesta abordagem permitem a autoria, sublinhando que “requiere escribir lo vivido, donde se recupera la autoridad sobre la propia práctica y el sujeto se expresa como autor”. É também pela narrativa que representamos nossa existência, o nosso modo de ser e agir no mundo. Pesquisar é um ato político, ato este que é disputado e significado sempre. Escolho e acolho a experiência que desestabiliza as significações e favorece outras lentes e tons para enxergar múltiplas realidades.

A partir disso, fui me constituindo e fazendo opção para me firmar no campo da Educação Especial, pois a minha luta é política, é narrativa, é propósito; ou, como entoa a voz de Caetano Veloso (2013), sou a chuva que lança areia do Saara sobre os automóveis de Roma. Assim, mesmo no empoeiramento que as circunstâncias causaram em minha vida, eu acrediitei e acrediito que a Educação Especial sempre será um espaço para (re)existir. Eu ousei chover. E lancei areia, sonhos, ideias, crenças, sobre o terreno inóspito da formação de professores para atuar no AEE.

Essas realidades, mesmo sendo provisórias, permitem enxergar e considerar a alteridade e o diferente como possibilidades, havendo sempre, assim, inúmeros processos de significação. Imergir neste movimento, experienciado com os pesquisadores narrativos, numa conversa sobre quem são, o que fazem, sentem e pensam, ajudou-me a esboçar a palheta com a qual gostaria de compor a pesquisa.

Provoc(ações) enredadas na e com a pesquisadora/respondente e com outros pesquisadores narrativos, atravessadas pela escrita compartilhada, como lembra Skliar (2018), acerca do poder da escrita, uma vez que escrevemos para escutar o que ficou sem ser dito. Hoje percebo a densidade quando o autor diz que a “escrita: perfura tudo” (Skliar, 2018, p. 85), atravessa sentidos, dilata os poros, revive a memória, desterra certezas, é desse não lugar das verdades, da fuga de uma escrita que normatiza, que chegam as indagações de uma conversa narrada em uma das Cartas Pedagógicas de San Salvador de Jujuy, Argentina, em novembro de 2022. São horas de entrelaçar de vozes com outros, conversar sobre quem somos, o que fazemos, o que sentimos, em busca de sentido, também, ao que fazemos e anunciamos, o que parece não caber nos discursos e espaços escolares. Eis o que esta carta declara:

Tu carta trasluce la preocupación por la educación especial, en este caso, los niños autistas y me preguntaba ¿Qué es la educación especial?, ¿Por qué hablar de educación especial? me digo otras capacidades? ¿Al fin al cabo todo somos especiales, cual es la línea de entre especial y no serlo?, como veras me despertó muchas preguntas, no estaré pensando cómo especial, la deficiencia, si pensamos en capacidades todos tenemos diferentes capacidades, entonces somos especiales, creo que quizás deberíamos bucear en lo profundo, en nosotros mismos y en el sistema de educación, podemos quedarnos allí, o profundizar desde otras miradas humanizantes que ayuden a transitar estos territorios (Excerto da Carta/Resposta que recebi de minha correspondente/pesquisadora).

É com a narrativa compartilhada nas e pelas cartas, na busca por nós mesmos, não como uma atividade episódica (Delory-Momberger, 2024), circunstancial, que se limita à mera narração da vida, e sim por acreditar numa perspectiva outra de fazer pesquisa, por validar “uma das

formas mais privilegiada da atividade mental e reflexiva pela qual o ser humano representa e comprehende a si mesmo no seio de seu ambiente social e histórico" (Delory-Momberger, 2024, p. 44-45), e assim, segui com os tons escolhidos para a pesquisa. Essa entrega não é apenas singular, mas permite aos indivíduos se entregarem numa perspectiva constitutiva e se apropriarem do movimento de fazer (com)junto, um movimento sempre político, indagando e refazendo os trajetos e processos.

Como referenda Skliar (2014, p. 108) "Educar é colocar no meio. Entre. Fazer coisas juntos, entre nós e entre outros". Somos feitos de experiências vividas que nos tocam, nos atravessam! Experiências que requerem um gesto, o gesto de parar: para pensar, para olhar, para escutar aos outros, para sentir, um convite a demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e celebrar o encontro (Larrosa, 2002). Narrativas que se movem ritmadas, potentes, vorazes. Ao viver esta experiência rizomática⁵, dos encontros na e pela pesquisa, em que o aprendizado é entendido como processo e que a experiência só acontece à medida em que se realiza, considero que "acolher e ser acolhido na diferença" (Alvarez; Passos, 2020, p. 148) nos coloca na roda do movimento singular-plural. Assim, sou um amálgama do efeito de cada palavra lida e de cada palavra escrita, pois entendo o educar como processo que se faz com sentido, significando sempre uma realidade, ainda que provisória.

Fortalecida por contornos robustos, que consideram as histórias narradas com cores e tons imprescindíveis a este processo de nos constituirmos pesquisadores/educadores, é que deixo esta convoc(ação), pois acredito que o percurso escolhido se faz com pessoas comprometidas com a educação, uma realidade que não nasce da permissão, mas se autoriza por cada um de nós, ao mobilizarmos o conhecimento com lentes outras: com as lentes do humano. Assim inspirada e mergulhada nas cores da vida, finalizo esta conversa com um poema:

Os ventos da mudança
sopram a vida
tecem a trança

5 Experiência rizomática é usada neste texto na perspectiva das experiências vividas de modo singular-plural, de possíveis rotas a serem percorridas em diversas direções, que abrem sucessivos e novos agenciamentos, a depender da potência desejante, da aceitação das partículas liberadas capazes de gerar "encontros inesperados e inexplicáveis" (Rodrigues; Schnorr, 2013), feita de direções flutuantes que transbordam sem remeter à unidade.

do tempo.
Vem o medo
vem a roda
vem a dança.
E essa música
embala a vida
enrosca a trança
gira a roda
convida pra dança.
Vem!
A vida é sonho
e esperança!
(Ferrarini, 2023)

Nas andarilhagens formativas, temos escrito palavras, sonhos, crenças, e esboçado os ventos da mudança, que se erguem pouco a pouco, com nuances investigativas que sopram VIDA e inspiram ESPERANÇA.

Referências

ALVAREZ, Jonny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2020.

BARROS, Manoel de. Miudezas. In: **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 409.

BRITO, Sol Silva; NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi. (2023). Dez anos do NEPEN: um

espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, sua história e produções. In: NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi et all (orgs). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**. Curitiba, editora CRV, p. 19-35.

CAMPOS, Marina Santos Nunes de. Formação contínua. In: REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; BARONI, Patrícia (org.). **Dicionário**

de pesquisa narrativa. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **História de vida e pesquisa biográfica em educação.** Tradução Maria da Conceição Passeggi, Carolina Kondratuk. Natal, RN: EDUFRN, 2024.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em rede e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros e amizades. *In:* RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FERRARINI, Anabela Rute Kohlmann. Os ventos da mudança. *In:* Palavras de papel. Novo Hamburgo, RS: Toca, 2023, p. 39.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina** [recurso eletrônico]: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização Ana Maria Araújo Freire. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta Pedagógica de Paris: registros de uma experiência em processo. *In:* DICKMANN, Ivanio; PAULO, Fernanda dos Santos (org.). **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. Chapecó, SC: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

GONÇALVES, Rafael Marques Gonçalves; RODRIGUES, Allan; GARCIA, Alexandra. A conversa como princípio metodológico para pensar a pesquisa e a formação docente. *In:* RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 119-142.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de

histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, RS, ano XXX, n. 3 v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**. n. 19, Jan./Fev./Mar./Abr. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. Posfácio. *In.* SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1972.

NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi. Leitura e produção do conhecimento e a potencialidade heurística das narrativas educativas. *In.* NUNES, Célia Maria Fernandes; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). **Narrativas de professores em formação: o significado de ser pedagogo.** Jundiaí, SP: Paco Editorial: 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> Acesso em: 11 fev. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, p. 6-26, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>. Disponível em: <http://grifars.ce.ufrn.br/publicacao/o-movimento-autobiografico-no-brasil-esboço-de-suas-configurações-no-campo-educacional/> Acesso em: 20 jan. 2024.

REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes: as rodas de conversa como autoformação contínua. *In.* RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 65-92.

RODRIGUES, Carla Gonçalves; SCHNORR, Samuel Molina.

Cartografias do ser do sensível: um modo investigativo da pesquisa educacional sobre a formação de professores. *Calidoscópio*. vol. 11, n. 1, p. 70-75, jan./abr. 2013.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SKLIAR, Carlos. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2019.

SKLIAR, Carlos. Posfácio. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, Carlos. *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Salvador, BA: EDUFBA, 2014.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse ali?* DP&A, 2003.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; PELLEGRINI, Raphael. Os ventos do norte não movem moinhos... In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 143-162.

Recebimento em: 17/09/2024.

ACEITE EM: 18/07/2025.